

## DO ILEGAL AO IMORAL MEMÓRIAS DE UMA SEXUALIDADE “INVERTIDA”

*Rafael Chaves Vasconcelos Barreto*

### RESUMO

O presente artigo aborda o tema da homossexualidade e de sua construção como identidade coletiva. Através da articulação de conceitos relativos à Memória Social, mais especificamente a noção de memória coletiva e sua construção, com a frequência e observação participante em espaços de convivência e frequência homossexual no Rio de Janeiro, o presente artigo buscou definir e associar três períodos da história brasileira: 1) período da criminalização; 2) período da medicalização ou patologização; 3) período da organização política. A definição de tais períodos apresenta relevância para o entendimento de algumas questões e posturas de sujeitos com práticas homoeróticas nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Homossexualidade. Memória. Espaço.

### ABSTRACT

This article addresses the theme of homosexuality and its construction as a collective identity. By articulating various concepts related to Social Memory, more specifically the notion of collective memory and its construction, with the frequency and participant observation in spaces of coexistence and homosexual frequency in Rio de Janeiro, the present article sought to define and associate three periods of history 1) period of criminalization; 2) period of medicalization or pathologization e; 3) period of political organization. Defining such periods is a relevant approach to understand some questions and postures of subjects with homoerotic practices in the present day.

**KEYWORDS:** Gender. Homosexuality. Memory. Space.

## INTRODUÇÃO

Numa cultura marcada por signos, diferenças e segmentações que se construíram ao longo de sua história, é instigante acompanhar os modos com que a singularidade de cada ser humano e as diferenças que compõem cada um de nós, em determinados momentos e situações, são percebidas como algo que leva ao desequilíbrio do conjunto, ou seja, da sociedade.

É possível perceber, nos processos sociais, tentativas de homogeneização que evitem essa possibilidade agrupando os indivíduos de acordo com suas semelhanças, levando em determinados casos a uma segregação daqueles que escapam ou não se adequam às normas criadas pelos poderes e saberes do assim chamado corpo coletivo.

Importa notar também que as tentativas e os processos de homogeneização das diferenças dependem da criação e sustentação de categorias que, sobrepondo-se umas às outras, entrecruzando-se, se polarizam hierarquicamente, e criam indivíduos dotados de direitos e privilégios, enquanto outros não estabelecidos de acordo com as normas historicamente construídas ficam à margem nesse conjunto.

Em outras palavras, é possível observar que existem categorias hegemônicas compostas por perfis de sujeitos classificados de acordo com determinado padrão e que isso implica sociológica e psicologicamente a criação de minorias e subalternidades de muitos recortes, como é possível observar no caso dos homossexuais.

Será objetivo deste artigo buscar elementos específicos relacionados à memória do grupo caracterizado pelos homossexuais e de suas estratégias de luta e sociabilidade, para que seja possível entender algumas questões relativas ao comportamento de seus indivíduos, conflitos internos e possíveis motivos de sua segregação. Para isso, será tomada como base a realidade atual desse grupo no Brasil e os desafios vividos nas últimas décadas.

Desse modo, a separação em três momentos históricos nos ajudará a perceber alguns aspectos da memória coletiva do grupo e, a partir de exemplos práticos, como o comportamento em espaços de sociabilidade LGBT, será possível verificar a influência dessa memória na configuração de certos perfis de comportamento.

Assim, a abordagem de memória social adotada no presente trabalho consistirá em procurar um entendimento da formação de grupos sociais, e especificamente a possibilidade de constituição de memórias coletivas, associando a elementos ou leituras de um passado histórico as experiências subjetivas.

A questão da memória será considerada não só como componente formador do sujeito e do corpo coletivo, mas também como um meio altamente complexo de constituição de grupos sociais os mais diversos. É desse ponto de vista sociogênico que a Memória Social nos ajudará, por conta de seu caráter transdisciplinar, a compreender melhor e mais libertariamente a homossexualidade.

Espera-se, portanto, que, por meio de um estudo da memória coletiva e da análise de traços subjetivos, não só desse grupo como da sociedade brasileira, seja

possível buscar formas de compreensão e minimização desses tipos de conflitos. A garantia do direito à diferença implica em cultivá-la como memória de diversidade, e não como estigma de desigualdade.

## A MEMÓRIA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

A questão da homossexualidade vem assumindo traços que foram construídos a partir de ações da sociedade em relação aos indivíduos que hoje recebem tal categorização, assim como das respostas e atitudes das pessoas que ao longo do tempo foram assim categorizadas. Em outras palavras, embora a questão da homossexualidade implique e envolva corpos, atitudes e categorias, ela não é redutível a abordagens biológicas, psicológicas ou sociológicas, nem mesmo – uma vez que envolve memória – a um objeto definível por colaboração interdisciplinar.

(...) quando o real passa a ser encarado como algo complexo e múltiplo, os procedimentos transdisciplinares são requeridos, admitindo-se então que nenhuma disciplina isolada é capaz de responder a essa complexidade. (GONDAR, 2005:13-14)

Não se espera, portanto, que a abordagem deste trabalho, dentro da Memória Social, responda por completo a todas as questões colocadas anteriormente. No entanto será possível perceber a memória como importante ferramenta para o estudo do grupo, partindo de sua memória coletiva como elemento formador de possíveis identidades.

Podemos partir do princípio de que uma identidade – seja ela individual ou coletiva – é construída basicamente por aspectos subjetivos, ou seja, qualidades atribuídas a partir de diferenças encontradas entre os indivíduos ou grupos. Nesse sentido temos a construção da subjetividade como sinônimo de construção de memória. Tal construção pode englobar “desde fatores até os regimes de signos e as sensibilidades” (FOUCAULT *apud* GONDAR, 2003, p.32).

No entanto, é importante situar a homossexualidade em diversos contextos históricos, visto que, ao longo da história moderna, homossexuais vêm sofrendo perseguições, antes mesmo de serem entendidos ou se identificarem como grupo.

Foucault chama atenção para uma importante relação entre poder e memória, distinguindo a noção de memória daquela de contramemória. Nesse contexto o autor coloca ainda a memória como elemento importante nos séculos XVIII e XIX para manutenção de poder, garantido pela disciplina, que estaria presente “em instituições como a família, a escola, a prisão” (p. 36). O autor afirma que a criação de subjetividades garantiria a formação de hierarquias e a fixação de uma identidade passível de adestramento.

Nesse sentido é possível perceber que tal adestramento foi feito através da memória que se daria, segundo Nietzsche (*apud* BARRENECHEA, 2003), a partir de numerosos castigos, de sangue e torturas. Barrenechea (2003) afirma que “memória e consciência nascem pela opressão social, pelo medo e pelo terror” (p.66), acrescentando ainda que “pecados tornam-se indispensáveis em toda a sociedade organizada sacerdotalmente” (p.67), o que pode se associar claramente à regulação sexual que leva à construção de um *bom sexo* associado à reprodução e à família (mononuclear, biparental e heteronormativa) em oposição a um *mau sexo*, no qual se encaixam as ditas perversões e/ou práticas ditas pecaminosas.

É possível perceber, portanto, que a visão foucaultiana, em afinidade com a nietzschiana a respeito da construção e do papel da memória se elaboram em um movimento crítico ao momento de construção de Estados-Nação. Nestes, como nos mostram Negri e Hardt (*apud* GONDAR, 2003), era nítida a ideia de associação de uma nação como grupo que ocupa e imprime identidade a determinado território com fronteiras delimitadas, garantidas por um Estado forte. Faz parte dessa lógica a constituição de uma alteridade, existindo assim o *eu* (nação hegemônica) e o *outro* (sujeitos de características ditas desviantes – “bárbaros”, “primitivos”, “loucos”, pessoas com sexualidades ditas “desregradas”, etc.). Assim, qualquer identidade que escapasse da norma higienizada de sociedade era vista como desviante e nociva para uma nação.

Os homossexuais foram incluídos na categoria das sexualidades ditas desregradadas, passando por experiências diversas de vários tipos de perseguição e exclusão durante longos períodos, que se perpetuam até hoje em muitas nações

(dentre elas o Brasil), o que nos leva a enquadrar suas experiências como formadoras de uma contramemória desse grupo.

Memórias, assim como contramemórias – no caso dos homossexuais, aqui observado –, constituem-se, em um primeiro plano, a partir de acontecimentos vividos pessoalmente e, em um segundo, a partir de “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, 201).

Pollak reelabora a “memória por tabela”, na qual tem papel fundamental a lembrança construída “a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros” (HALBWACHS, 2004, p.39).

Tal concepção nos empresta um vocabulário mínimo de memória social, com o qual entender que a homossexualidade hoje, considerada a partir de seu corpo coletivo, deve muitos de seus comportamentos e atitudes a acontecimentos vividos pelos indivíduos que antecederam as gerações atuais. Percebe-se o interesse da noção de memórias por tabela quando se observa que a noção de – ou autopercepção como – sujeito que foge à normalidade faz parte dos afetos e conflitos de gerações atuais, em continuidade com experiências de gerações e épocas em que a homossexualidade era vista como transtorno e doença.

Há aspectos complementares a considerar, também, quanto aos “acontecimentos vividos por tabela”. Eles não só influenciam a visão que sujeitos heterossexuais possuem em relação aos homossexuais, por também carregarem de algum modo a visão partilhada pelas gerações que os antecederam, como estão, também, ligados diretamente à “moralidade” em geral e à criação dada a muitas crianças, baseada na heterossexualidade – “natural” ou compulsória – e na visão que a homossexualidade é um erro e/ou desvio.

Sendo a memória um campo múltiplo e móvel, em que “toda perspectiva envolve a escolha de um passado e uma aposta no futuro” (GONDAR, 2005, p.18), muitos são os acontecimentos que, vividos por tabela, fizeram com que os homossexuais tenham posturas que os levem a temer seu reconhecimento ou mesmo a reivindicar questões como o casamento entre pessoas de mesmo sexo, justamente quando o casamento nos moldes tradicionais vem entrando em desuso entre indivíduos heterossexuais. Desse modo, é importante considerar alguns

acontecimentos associados à história da homossexualidade, levando em consideração que a própria homossexualidade pode ser considerada uma invenção da sociedade na busca por uma classificação e conseqüente padronização de seus indivíduos. Sendo, assim, será tratada a seguir um pouco da trajetória da homossexualidade tendo como base a sociedade ocidental e seus reflexos no contexto brasileiro.

## HOMOSSEXUALIDADE EM FASES

Nesta seção do artigo será feita uma breve retrospectiva, buscando levantar alguns dos momentos que podem ser considerados importantes para a formação (ou invenção) da homossexualidade como identidade coletiva. Vale ressaltar que, embora essa não conte com uma unidade que garanta que todo sujeito homossexual compartilhe das mesmas características, tal categorização facilita o entendimento da visão geral que a homossexualidade carrega perante a sociedade.

Desse modo, para facilitar o estudo, dividimos o histórico da homossexualidade no Brasil em três períodos: a) período da criminalização, b) período da medicalização ou patologização e c) período de organização política.

A seguir apresentamos um breve esboço histórico de cada fase. A fundamentação e o interesse dessa divisão em fases estão mais detidamente elaborados em Barreto (2014), e dialoga diretamente com o trabalho de Trevisan (2007).

### PERÍODO DA CRIMINALIZAÇÃO

O primeiro desses momentos pode ser caracterizado pela classificação das práticas homossexuais como pecado passível de punições como morte e degredo – como é o caso dos juízos e práticas da Inquisição. Naquele contexto, a religião era responsável pelas normas de controle da sociedade, papel que foi tomado posteriormente pela ciência. A Igreja Católica era responsável pela normatização da sociedade ocidental entre os séculos XVI e XIX. Dessa forma, a homossexualidade, vista sob a alcunha de sodomia era tida como pecado nefando e criminalizada, como

fica evidente nesse trecho de um dos mais antigos códigos penais brasileiros, as Ordenações Filipinas:

(...) toda a pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado, e feito por fogo em pó, para que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memória, e todos seus bens sejam confiscados para a Coroa de nosso Reino, posto que tenha descendentes; pelo mesmo caso seus filhos e netos ficarão inábeis e infames, assim como os daqueles que cometeram crime de Lesa Majestade. (PIERANGELLI, 1980 *apud* TREVISAN, 2007)

É importante destacar que, ainda no início do século XX no Brasil, homossexuais eram perseguidos pela polícia, principalmente travestis, sendo enquadrados em lei que punia a “vadiagem”, visto que naquele momento a lei que criminalizava a sodomia já não mais existia.

Concepções e imposições radicais como essa não ficaram restritas ao período da Inquisição e outras formas de discriminação da homossexualidade surgiram como será possível ver no próximo período.

## PERÍODO DA MEDICALIZAÇÃO OU PATOLOGIZAÇÃO

No século XX, com o avanço da ciência, o discurso religioso começou a dar lugar ao discurso científico, que surgiu e proliferou na modernidade como promessa de explicação racional-instrumental da condição e do comportamento humanos. A consolidação desse discurso (e das práticas e instituições associadas) fez com que muitas experiências fossem realizadas nesse campo, inclusive na tentativa de reversão de tal conduta, vista até então como desviante. Tal processo ocorreu em culturas ocidentais, nas quais medidas de tipo higienista foram adotadas com base no discurso científico, especialmente o saber da medicina. Esse pode ser considerado um momento histórico de relevância para a formação do grupo homossexual, tendo como caso extremo o ocorrido durante o nazismo, na Alemanha, onde os homossexuais – junto com judeus, ciganos, dentre outros – eram levados para os campos de concentração, sendo classificados com triângulos rosa<sup>1</sup>. Tal perseguição

<sup>1</sup> Os campos de concentração nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, possuíam um sistema de figuras geométricas em forma de triângulos, para auxiliar na identificação do tipo de pessoa que a

– que combinou diversos e complexos aspectos socioculturais, políticos e ideológicos  
– se baseava diretamente em princípios teóricos e práticas eugenistas, isto é, de “aprimoramento” controlado do estoque genético humano, e no suposto combate ao que era diagnosticado como ameaça de degeneração.

A partir desse momento a homossexualidade perde o *status* de crime e passa a ser vista como doença, desvio. A figura do sodomita dá lugar à do invertido. Em outras palavras, estudos científicos caracterizavam a homossexualidade como uma inversão da natureza e da norma, e foi nesse contexto que surgiu o termo homossexualismo. No entanto, em 1985, após pressões do então recém-criado movimento homossexual no Brasil, o homossexualismo foi retirado da relação de doenças pelo Conselho Federal de Medicina e, por sua vez, o Conselho Federal de Psicologia determinou em 1999 que nenhum profissional pode exercer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas.

## PERÍODO DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

Com o início da formação de um movimento homossexual, ainda no período da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), o panorama começa a mudar nas décadas de 1980 e 1990. Um dos principais elementos catalisadores foi o jornal *O Lâmpião da Esquina*. Voltada ao público homossexual, a publicação tinha um caráter de crítica em relação à ditadura e ao mesmo tempo trazia informes sobre grupos homossexuais bem como matérias de interesse desse segmento.

No entanto, nesse momento, que pode ser considerado aqui como baliza do terceiro período de relevância na história-memória da homossexualidade brasileira, teve o surgimento do HIV/AIDS como ponto chave.

Essa doença surge em parte com um perfil específico de portador, sendo ele em sua maioria homossexual e/ou usuário de drogas injetáveis, o que influenciou para que a doença recebesse temporariamente o nome de “doença dos 5 H” -

---

portava. Informação retirada em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tri%C3%A2ngulos\\_do\\_Holocausto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tri%C3%A2ngulos_do_Holocausto) acessado em 11/07/2011.



Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos (usuários de heroína injetável) e *Hookers* (profissionais do sexo, em inglês).

A epidemia fez com que em muitos casos se acentuasse a perseguição aos homossexuais, vistos então como responsáveis pela disseminação da doença – conhecida também nessa época como *câncer gay* –, podendo ser observadas em determinados espaços públicos mensagens como “*acabe com a AIDS, mate um gay*”. A mesma mensagem pôde ser vista também em perfis de redes sociais que fazem apologia à homofobia.

Entretanto a epidemia também serviu como fator responsável pela formação do grupo, ou melhor, evento desencadeador de processos coletivos, inclusive de organização, algo que até então não havia ocorrido, exceto, em parte, durante a ditadura, em torno d’*O Lampion da Esquina*.

Com isso o grupo foi se organizando como movimento social, inicialmente com o objetivo principal de combater a disseminação do vírus entre a comunidade LGBT e posteriormente vindo reivindicar outras demandas, muitas destas ainda hoje não alcançadas.

Desse modo, na década de 1990 ocorre no Rio de Janeiro a 1ª Parada do Orgulho Gay. Tal manifestação se transformou em uma das maiores expressões de reivindicação de um segmento, aumentando a cada ano o número de locais por onde ocorre bem como o de participantes, alcançando nos anos 2000 um público de aproximadamente três milhões de participantes em São Paulo, garantindo, assim, sua inserção no calendário de eventos da cidade.

No entanto o movimento ainda precisa avançar muito, principalmente no campo político, já que neste existe muita resistência de parte do legislativo para aprovação de leis como a que criminaliza a homofobia e a que regularizaria casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Esse breve esboço de memória histórica mostra – parece-nos – a pertinência da noção fundadora do campo da memória social. A memória é constitutiva das relações sociais (GONDAR, 2005, p.18) participando, assim, da formação identitária dos diversos grupos sociais e influenciando no caso específico do indivíduo homossexual contemporâneo, como veremos a seguir.

## A HOMOSSEXUALIDADE NOS DIAS ATUAIS

É importante retomar alguns elementos que podem ser considerados como formadores do que hoje entendemos como homossexualidade e levantar algumas questões dos rumos que homossexuais vêm percorrendo coletivamente, em termos de identidades e lutas por visibilidade.

Como primeiro questionamento, e dada a multiplicidade de perfis de indivíduos, seria possível encontrar sinais da ideia de unidade de grupo, correspondente àquilo que se costuma denotar com a noção de identidade homossexual? Ou estaríamos falando de homossexualidades?

Cabe a esse respeito lembrar as recorrentes mudanças da sigla LGBT, que ao longo dos últimos anos sofreu muitas alterações e acréscimos de letras – hoje vem sendo utilizada a forma LGBTQI<sup>2</sup> –, o que de certa forma demonstra ao mesmo tempo uma fragmentação (ou segmentarização) de identidades, e mesmo, por vezes, de interesses, que cada letra significa, mas também a manutenção de certo grau de unidade por trás do que Fachinni (2005) chamou “sopa de letrinhas”,.

Porém mesmo restringindo o enfoque ao “interior” dos grupos representados pelas respectivas letras da sigla, é difícil afirmar que exista uma unidade, como é possível observar no caso dos gays.

Inúmeras foram as formas de controle e repressão, ao longo das fases pelas quais os homossexuais passaram, a essa forma de sexualidade. Sua categorização social como desviante e/ou invertida, de fato pode ter contribuído e ainda contribuir para algumas atitudes que muitos homens que fazem sexo com outros homens têm hoje.

Durante anos a visão predominante a respeito do homossexual era a figura representada pela *bicha*, em conformidade com o modelo conhecido como hierárquico. Nele, o homem, designado como *bofe*, permanece intocado em sua masculinidade. Tal modelo foi observado na pesquisa realizada por Perlongher (1987) ao estudar os michês que atuavam em São Paulo: a virilidade era requisito para que

---

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queers* e Intersexuais

se mantivessem nessa atividade, pois era por conta dela que os clientes os procuravam.

Caberia então indagar se a feminilidade de alguns homossexuais não seria considerada como algo que deva ser escondido até mesmo como forma de proteção, ou um novo “armário”, ou seja: a homossexualidade poderia ser assumida na medida em que o sujeito mantenha traços de masculinidade.

Vemos assim no meio LGBTQI uma aproximação cada vez maior com um perfil heteronormativo de homossexual, seguindo de certo modo aquilo que Butler (2003) apontou como sendo uma relação de coerência entre sexo e gênero, pois vemos a defesa e valorização cada vez maiores de masculinidade para homens e feminilidade para mulheres, independente de sua orientação sexual, criando novos padrões de normalidade para o que era visto como anormal, como desviante.

## HOMOSSEXUALIDADE E A RELAÇÃO COM O ESPAÇO

Com a observação participante em determinados espaços de sociabilidade LGBTQI, foi possível perceber nas atitudes e posturas uma continuidade com aquela valorização do masculino, nos moldes apresentados por Perlongher. Isso é especialmente marcado em espaços nos quais a busca por parceiros para sexo rápido aparece como principal objetivo. Banheiros, *dark rooms* e saunas, locais típicos onde é possível observar esse modelo de indivíduo masculino, são exemplos de espaços em que “o silêncio é uma regra de honra” (POLLAK, 1985, p.60). Tal regra pode ser vista como forma de manutenção da virilidade, que poderia, em outra dimensão ou momento de contato, ser quebrada por manifestações verbais.

Assim, há locais que, em determinados contextos, se caracterizam pela prática sexual entre homens e, ao longo das fases e períodos, os banheiros públicos foram um espaço no qual a relação entre homens mostra-se cercada por inúmeros aspectos que traduzem relações de gênero muitas vezes consequentes de um histórico de repressão.

Visto que esse espaço se apresenta como local de frequência única e exclusiva de cada sexo, os banheiros, como já mostrou Paul Preciado (*apud* Arantes, 2010)

podem ser entendidos em sua gênese como espaço de (re)afirmação da divisão binária masculino / feminino. Tal divisão é garantida por normas rígidas e símbolos característicos, como a existência de mictórios em banheiros masculinos, visto que o próprio ato de urinar em pé é, em muitos contextos, uma forma de afirmação da masculinidade.

O uso, em determinados contextos, desse tipo de local como espaço de interação sexual entre indivíduos do mesmo sexo, não necessariamente subverte as normas de gênero, visto que a virilidade e atitude viril são requeridas nesse espaço. Isso se dá inclusive em função, ou como parte de um código de discríção. Esta aparece então como elemento chave para a existência ou manutenção da prática de encontros em banheiros, pois com o anonimato evita-se repressão ou denúncia por parte de outros usuários.

Quanto ao perfil do sujeito que frequenta ou escolhe esse espaço para interação sexual, muitas podem ser as formas de defini-lo. Uma observação mais ampla e sistemática poderá vir a traçar esse perfil em suas variantes e aspectos. Incluiria desde alguém que simplesmente busca contato sexual, até aqueles que não se veem como homossexuais, mas que possuem atração sexual por homens e têm naquele espaço a possibilidade de realizar seu desejo sem que este seja rotulado – vimos que a ausência de fala nesse espaço dificulta a identificação da pessoa. Vale ressaltar que esse segundo perfil de sujeito não admitiria contato afetivo (no sentido de interação ou envolvimento além do simples contato sexual) com alguém do mesmo sexo.

Outro espaço que pode suscitar inúmeros questionamentos a respeito da diversidade de interações, condutas e experiências de homossexualidade é o dos *dark rooms*. Esse tipo de local pode ser considerado, segundo Benítez (2007), como um “lugar-templo”, cheio de signos, repleto de possibilidades. A autora o descreve como marcado pela ausência de interação visual e falada, emergindo outras formas de linguagem e de sons que criam ou remetem a contextos pelos quais cada sujeito se orientará.

É significativo, aliás, que haja aí também um papel fundamental da memória como meio de orientação do sujeito a partir de um contexto de sons, tatos e odores,

visto que nesse local ele está privado de visão e a fala é vedada segundo os códigos de conduta. Ativada pelas percepções do sujeito, a memória será o meio pelo qual ele interpretará sensorialmente o seu entorno e interagirá com o ambiente e as fontes dos estímulos externos.

Há aí também um aspecto democrático, na medida em que mesmo os indivíduos que não logrem êxito na busca de parceiros em outros espaços – seja por não apresentarem perfis desejados ou desejáveis, segundo padrões vigentes, ou por não ostentarem virilidade quando em ambiente no qual imagens e palavras ou vozes são recriados e/ou remontados a partir da memória – têm maiores chances de conseguir parceiros. Pode-se dizer que no *dark room* existe certa relação de igualdade entre os frequentadores, diferentemente da pista de dança, por exemplo, que funciona como uma passarela e um laboratório.

(...) a dança [em espaços como a boate] tem suas normas e limites: foi masculinizada, é uma manifestação mais de masculinização da imagem *gay*, obedece a certas técnicas corporais generificadas. (Benitez, 2007:102)

Por fim há as saunas, espaço onde o corpo aparece como elemento chave da interação, visto que a ausência de roupas é requisito fundamental para a permanência nesse tipo de local. Assim, e ao contrário dos *dark rooms*, nas saunas a visão é um elemento fundamental de percepção e valorização do corpo, e a linguagem corporal é essencial para a comunicação nesse espaço. A virilidade nesse sentido aparece pelas formas dos corpos e pela maneira de se portar, dado que indivíduos que apresentam corpos “mais viris” são mais desejados. Essa virilidade também se exprime ou pode ser entendida por meio da exposição do pênis e a valorização de seu tamanho. A exibição do pênis ereto nesse contexto pode significar um convite ao sexo, ou mesmo uma simples demonstração de virilidade.

Outra característica das saunas é a frequência de indivíduos que estão à procura de sexo e buscando para tal maior segurança e privacidade, ao contrário dos banheiros, onde essa atividade pode ocorrer de forma inesperada e sob o risco de flagrante por parte de outros frequentadores ocasionais desses banheiros. Portanto podemos considerar de modo geral o frequentador da sauna como um sujeito

assumido de seus desejos (o que independe de pertencimento identitário). Ele busca ali interação sexual com alguém do mesmo sexo, sabendo que aquele é um lugar onde isso certamente será encontrado sem riscos, já que “quanto mais assumido sexualmente, menos aceitará cometer enganos” (POLLAK, 1985, p.59) Por isso, sujeitos que assumem seu desejo por pessoas de mesmo sexo buscam espaços com maior visibilidade que outros.

## REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho articulou alguns elementos da Memória Social para contribuir ao entendimento da questão de pessoas homossexuais hoje, do ponto de vista de um grupo que sofre segregação por conta de ações do passado que colocaram certos indivíduos na posição de desviantes.

A partir da análise de elementos encontrados na história do grupo e da observação de alguns espaços de convivência, pode-se verificar e entender possíveis causas para determinadas posturas que a sociedade possui hoje em relação a esse segmento. Ao mesmo tempo, aparece com mais nitidez o sentido de algumas condutas adotadas por homossexuais.

De certo modo é possível supor que a aversão e a ridicularização de homossexuais que adotam posturas mais femininas remontam ao passado hierárquico e/ou decorrem da maior visibilidade que esse perfil de sujeito possui na sociedade.

Atitudes como essa, da adoção de postura corporal feminina, baseadas na criação de modelos aceitáveis para a sociedade dominante, surgem como forma de driblar o preconceito, mas não resolvem o problema, pois criam-se novos segmentos discriminados dentro da sociedade. Isso pode ser visto também como possível explicação para a maior discriminação que sofrem travestis e transexuais, exemplos maiores de quebra do padrão de coerência entre sexo e gênero e exemplos também de negação do masculino presente em seus corpos.

Nesse contexto a própria ideia de regulamentação do casamento entre pessoas de mesmo sexo surge como uma possível estratégia de higienização desse grupo: vistos

durante muitos anos como responsáveis pela destruição da família por conta de sua postura tida como promiscua, hoje a sua luta passa a ser pelo direito de constituir uma família.

Vimos que embora a temática tenha alcançado alguns avanços ao longo das últimas décadas, muito ainda precisa ser feito para que as questões aqui abordadas ganhem tons menos opressores, e que em um futuro próximo tais diferenças sexuais não sejam mais vistas como um problema social.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, J. E. R. *Do padre Pelágio ao novo mundo: uma proposta de etnografia dos “banheiros” nos terminais do Eixo Anhanguera*. In: Fazendo Gênero, IX. 2010. Florianópolis, SC. Anais eletrônicos, 2010.
- BARRENECHEA, M. *Nietzsche e a genealogia da memória social*. In: Gondar, J. e Dodebei, V. (orgs). *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- BARRETO, RAFAEL CHAVES VASCONCELOS. “Memórias e Práticas em Espaços Homoafetivos na Cidade do Rio de Janeiro”. Tese de doutorado em Memória Social, PPGMS/UNIRIO. 2014.
- BENÍTEZ, M. E. D. *Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio*. Cadernos de Campo, n. 16, São Paulo, SP, 2007.
- BRAZ, C.A. de. *À meia luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino*. Campinas: UNICAM, 2010. 187 p. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Garamond, 2005.
- FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Zahar, 1982.
- GONDAR, J. *Memória, poder e resistência*. In: Gondar, J. e Barrenechea, M. (orgs). *Memória e espaço: Trilhas do contemporâneo*. 7 letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Quatro proposições sobre memória social*. In: Gondar, J. e Dodebei, V. (orgs). *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo, SP. Ed. Centauro, 2004.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo, SP. Ed. Brasiliense, 1987.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. *Revista Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10, 1992.

\_\_\_\_\_. *A homossexualidade masculina: ou a felicidade do gueto*. In: ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André. (Orgs.) *sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Record, 2007.